

## Apresentação

É surpreendente que o clássico de Lewis Bayly sobre a piedade, *A prática da piedade: diretrizes para o cristão andar de modo que possa agradar a Deus*, não tenha sido reimpresso neste século [XX] até agora. Nos séculos XVII e XVIII esta obra era o livro inglês de devoção lido mais universalmente, depois de *O peregrino*. O próprio Bunyan atribui o início da sua vida espiritual, em certa medida, à leitura atenta deste manual sobre a piedade. Um pastor puritano se queixou de que o seu rebanho considerava a sua autoridade igual à da Bíblia!

Publicado pela primeira vez cedo no século XVII (a data exata é desconhecida, mas provavelmente foi em 1611), *A prática da piedade* foi impressa, em sua segunda edição em 1612, em forma ampliada. Em 1643 tinha chegado à sua 34ª edição inglesa; em 1714, à sua 51ª edição inglesa; em 1792, à sua 71ª edição inglesa! Em 1842 Grace Webster produziu uma edição com notas biográficas. Através desses séculos, *A prática da piedade* apareceu em muitas línguas europeias, inclusive holandês (1620), francês (1625), alemão (1629) e polonês (1647). Os puritanos da Nova Inglaterra o traduziram até para a língua indígena falada em Massachusetts (1665).

Nascido em Caermarthen e educado em Oxford, onde obteve o grau de bacharel em teologia (B.D.) em 1611 e seu doutorado em teologia em 1613, Lewis Bayly foi consagrado ao ministério em Evesham, Worcestershire, Inglaterra, em 1611. De acordo com Anthony à Wood,<sup>1</sup> o clássico pelo qual ele ganhou renome foi baseado numa

---

<sup>1</sup> Antiquário do século XVII – nota da editora.

série de sermões que ele pregou sobre a piedade logo depois do início do seu ministério. Essa obra, junto com a sua fama como pregador, o levou a Londres em 1612, onde foi vigário (pastor) da Igreja de St. Matthew, capelão de Henry (príncipe do País de Gales), e tesoureiro da Igreja de St. Paul. Ele foi feito prebendário de Lichfield em 1613, arqui-diácono da Igreja de St. Albans e capelão do rei em 1616. No dia 8 de dezembro de 1616 ele foi consagrado bispo de Bangor, posição que manteve até a sua morte, ocorrida em outubro de 1631. Ele deixou uma esposa e quatro filhos homens.

As convicções puritanas de Bayly o puseram em frequente conflito, tanto na corte quanto em sua remota diocese no norte do País de Gales. Em 1621 ele foi aprisionado por alguns meses por sua aversão pelo infame *Book of Sports* (Livro dos esportes) e por outras acusações menores. Novas denúncias, endossadas por William Laud, foram apresentadas contra ele em 1626, mas resultaram em nada mais do que continuado aborrecimento. Em 1630 ele foi acusado de ordenar clérigos que não tinham aceitado plenamente a doutrina e a disciplina da Igreja, mas ele se defendeu habilmente.

Bayly também não escapou de perseguição dentro do próprio partido puritano. Thomas Tout observou: “Tão grande era a sua fama (isto é, *A prática da piedade*), segundo as linhas puritanas, que alguns zelotes, queixando-se da glória de tão bom livro a um bispo da Igreja da Inglaterra, e denunciando histórias escandalosas, facilmente refutadas, procuravam privar Bayly do crédito de sua autoria” (*Dictionary of National Biography* 1:1369).

A obra de Bayly, *A prática da piedade*, está repleta de diretrizes puritanas, práticas, para a busca de um viver santo. O autor começa a sua obra com “uma simples e clara descrição de Deus [em] Sua essência, em Sua Pessoa e em Seus atributos”. Ele trata da doutrina sobre Deus como uma base para a piedade, e da graça divina como fundamento de toda e qualquer graça de que nós, pecadores, necessitamos. O restante do volume trata dos motivos, das condições e dos objetivos da piedade.

Bayly dispõe a sua obra em torno dos dois destinos da humanidade. Ou viajamos pelo caminho largo rumo à destruição, ou, pela graça divina, estamos no caminho estreito que conduz à vida eterna. Ele

descreve acuradamente o nosso miserável estado natural. O pecador impenitente tem a miséria como a sua companheira constante – uma condição miserável na infância, na juventude e principalmente na vida adulta e na velhice. Do trágico cenário do inferno como um lago sem fundo reservado para os que morrem não regenerados, Bayly se volta para as inefáveis glórias do céu. Ele confessa que o contraste o estonteava tanto que ele não conseguia continuar segurando a pena. Salientando a necessidade do novo nascimento e de um santo viver, ele conclui: “Trate de conseguir imediatamente o óleo da piedade para a lâmpada da sua conduta, para que esteja em contínua prontidão para se encontrar com o Noivo”.

A parte restante do tratado de Bayly é dedicada a mostrar como obter e manter a prontidão para o segundo advento de Cristo. Primeiro ele aborda esta prontidão negativamente, mostrando como vencer sete obstáculos: ensino errôneo, o pobre exemplo de pessoas proeminentes, a paciência de Deus em protelar a aplicação de castigo ao pecador, o erro de presumir a misericórdia de Deus, a companhia de ímpios, o medo da piedade (como se ela tornasse os seus possuidores deprimidos) e a ilusão de uma vida longa. Positivamente, Bayly passa então a salientar como se deve cultivar a piedade nas seções restantes da sua obra (do capítulo 5 ao 17). Ele nos dá sábio conselho sobre as disciplinas espirituais da oração, da leitura da Bíblia, da meditação, do cântico de salmos, da guarda do *Sabbath* [isto é, do santo repouso semanal], do cristão como mordomo de Deus, da celebração da Ceia do Senhor e do andar diário com Deus. Ele dá orientação sobre como devemos guiar os nossos pensamentos, as nossas palavras e as nossas ações em tempos de saúde e em tempos de enfermidade e aflição. Provê diretrizes para nos protegerem do desespero e do medo da morte. Em suma, este é um livro acerca de como viver bem e de como morrer bem.

Não obstante a ocasional tendência de Bayly de promover um tipo de meditação altamente introspectiva, que pode conduzir à melancolia que ele procurava evitar, sustentamos que este é um livro muito útil, pondo às claras o estreito caminho que adentramos pela conversão e que conduz à vida eterna. Nós diríamos de Bayly o que Calvino disse de Lutero: “Sejamos imitadores das suas qualidades excelentes, e não

dos seus excessos”. Certamente, uma das grandes marcas de excelência de Bayly é o seu esforço para reunir aproximadamente 2 mil textos para dar apoio bíblico à prática da piedade que ele nos recomenda.

À semelhança de Calvino, Bayly escreveu a sua maior obra para promover a piedade. Nem Calvino nem Bayly ficava embaraçado quanto ao conceito, quanto à prática e quanto ao dever da piedade no temor de Deus. Embora detestassem a falsa piedade, que promove autoengano e legalismo, tanto os reformados (exemplificados por Calvino) quanto os puritanos (exemplificados por Bayly) estavam plenamente persuadidos de que se deve empregar “piedade” primariamente num sentido positivo. Eles ficariam estupefatos ante o embaraço demonstrado por muitos protestantes evangélicos contemporâneos que sucumbiram ao uso pejorativo da piedade pela sociedade. Muito frequentemente eles têm deixado que a nossa sociedade secular defina os termos de significação sagrada.

De coração damos as boas-vindas à primeira publicação deste clássico no século XX e oramos no sentido de que seja usado poderosamente por Deus para fomentar e restaurar um compromisso com a piedade bíblica. Nunca nos embaracemos com relação à piedade genuína – Deus sabe que temos necessidade de maior porção dela em nossa vida pessoal, em nossas famílias e em nossas igrejas! Será melhor que nos embaracemos e nos envergonhemos por permanecermos em nossa impiedade no pensamento, na conversa e nas ações.

Acompanhado pela bênção do Espírito, este livro tem potencial para muito benefício. Se fosse levado a sério, o livro *A prática da piedade* serviria como o toque de sinos pela morte de todos os ramos do leviano antinomismo e das formas do “fácil fideísmo” do arminianismo; ele nos impeliria a Cristo, desejosos de santidade, confessando com Paulo: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo à Lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado. Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, que não vivem segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 7.24-8.1).

Leia *A prática da piedade* lentamente, com meditação, com oração, e, recomendo, anualmente. Pergunte a si mesmo repetidamente: “Estaria

pondo em prática o conselho bíblico deste sábio escritor espiritual? Estaria eu buscando santidade – a santidade sem a qual homem nenhum agrada a Deus nem será recebido para o gozo das glórias eternas de um céu santo?”

Nossos sinceros agradecimentos à publicadora por trazer de volta à imprensa este clássico. Espero que este livro seja lido tão largamente que, querendo Deus,<sup>1</sup> o século XXI necessite do número de edições requerido pelos séculos anteriores!

Joel R. Beeke  
Grand Rapids, Michigan

---

<sup>1</sup> No original, “D. V.” (abreviatura de “Deo volente”), ou seja, “com a permissão de Deus” – nota do tradutor.